



DEBAIXO DO SOL, DE EUNICE ARRUDA: A PLENITUDE DO GESTO POÉTICO

Beatriz Amaral

“presos
os pássaros
cantam

presos:
os pássaros
cantam”

(Formas, *Debaixo do Sol*, Eunice Arruda, p.50)

Neste seu recém lançado *DEBAIXO DO SOL* (1), Eunice Arruda reafirma-se como uma das principais vozes da poesia contemporânea, tendo um expressivo projeto estético de condensação máxima da linguagem somente alcançado por raros mestres. Com elegância e sutileza, expõe a força do fazer poético “*longe das / circunstâncias / montanhas encontrando / as nuvens, longe*”, desvelando aos poucos a beleza do nascimento de seu próprio texto “*em letra lúcida legível / o nome traçado no tronco / da outra árvore / longe*”. Em *Nascimento do poema* (p.21), a autora recria o universo embrionário, construindo, palavra por palavra, num ritmo preciso, a fotografia de cada gesto de gênese. Algo indecifrável se torna legível, há o jogo entre os espaços; do impreciso de nuvens, alternam-se distâncias longe-perto-longe, e, de formas fugidias, brota a palavra, o verbo incandescente que se alimenta de figuras de elevada densidade e espessura poética. Enquanto “*o mundo é escrito / a portas / fechadas*” e “*as coisas ardentes / não dizem o / nome*” (*Olhe*, p.61), o lúcido olhar da poeta conclama o leitor a acompanhá-la em sua viagem pelas sendas da serenidade: “*Neste ano / só / ouça a própria / voz*” (*Pedido*, p.58). Consciente de suas asas, recursos e necessidades, reconhece com precisão:

“*a vida precisa
de telhados
pombas
olhando
a vida é ave
ávida. E precisa*”

Os recursos sonoros habilmente empregados no poema ora transcrito, “*Precisa*” (p.46) proporcionam um dos momentos de maior musicalidade do livro. Com extrema habilidade, a au-

tora combina a intensa aliteração da consoante fricativa “v” a recortes rítmicos muito bem estruturados e ao movimento ondulatório sugerido pela alternância das vogais “a” e “i”, nos fragmentos “*a vida precisa*” e “*a vida é ave / ávida. E precisa*”. Na faixa central do poema, o gerúndio rege o fragmento anasalado “*pombas / olhando*” e este núcleo gera semanticamente o caráter inexorável do voo, das asas, insinuando a avidez, a premência e a vibração da vida. Explorando os espaços em branco da página, neste breve poema de rica densidade imagética, Eunice Arruda apresenta uma bela reflexão em que tom, intenção, materialidade sígnica e sentido se entrelaçam de modo admirável. A polissemia e o jogo entre “a vida” e “ávida” é complementada pelos cortes rítmicos e pausas, que destacam muito bem os propósitos semânticos da autora.

Noutros poemas, elementos de intensa dosagem pictórica recortam e esculpem cenários que a memória elege. Retrato, filme, paisagem, desenho e esboço. Esta rica vertente sinestésica é explorada pela poeta em *Rio Sergipe*: “*no saguão / o marrom dos sofás / suporta a / espera olhando // na manhã / o vermelho das melancias / e brancas fatias de bolo rodeiam / o café com fumaça e sonho*” (p.29). Outros bons exemplos estão presentes nos poemas *Vermelho I* e *Vermelho II*, ambos dedicados à poeta e dramaturga Renata Pallottini (pp.33 e 34-35).

Em sua ampla viagem, Eunice Arruda contempla os impactos e as surpresas do cotidiano para delas extrair, depois do des/encanto e das perplexidades, um ponto de equilíbrio, uma base de reflexão: “*um vaso se quebrou / no brilho da / festa*” (*Incidente*, p.12), “*raízes olhando o / chão // cacos de louça no / brilho liso do / chão // todo o leite foi / derramado // suados / quebramos a rotina*” (*Ritual*, p.13). Neste diapasão, erige poemas como pétalas, e, depois de enfrentar as iniquidades e ardências do mundo, permite que renasça e se transmute o texto límpido, transparente, cristalino, em que a palavra “*funda o lugar onde / diamantes adormecem*” (*Pedido*, p.58).

Como acentua Carlos Ávila, em *Poesia Pensada*, “*o texto é um teste, uma prova de fogo diante da linguagem. A dificuldade, portanto, torna-se maior neste sentido, já que o poeta vem operando em um universo linguístico cada vez mais saturado. Daí a necessidade premente de uma ressemantização da poesia. [...] O significado nasce no signo: ao operar uma transformação semântica no seu texto, o poeta faz com que as palavras (as mesmas velhas e gastas palavras da tribo) soem como se nunca houvessem sido ditas antes. Redescobre-se assim um elemento de leitura imprevista, inesperado e transgressor. A diferença que regenera semanticamente a poesia.*” (2)

Exatamente nesta faixa de depuração de linguagem e transformação semântica transita a escritura poética de Eunice Arruda, cujo olhar sensível e crítico jamais abandona a concisão – fruto de sua vasta e bem sucedida experiência de haicaísta -, a dicção enxuta, o ritmo preciso, e um ar de certo distanciamento que lhe permite inserir em sua obra a singularidade da postura zen, visível no gesto poético deste belo exemplo a seguir transcrito:

“*não
mova a
palha*

*indague
o branco das
nuvens*

descanse o mundo” (*Três*, p.36)

Em artigo anterior sobre a poesia Eunice Arruda, observei que a zen-poeta “*voa em frente, riscando palavras em pedras que transmuta em estrelas e cristais*” (3). Sim, como con-signa Marcelino Freire nos posfácio ao novo livro, “*Eunice é a voz*” [...] Um dos mais iluminados nomes da nossa poesia. Feita em São Paulo. De uma geração teimosa. A mesma de Álvaro Alves de Faria, a de Cláudio Willer, a de Roberto Piva, a de Orides Fontela. Ela, de uma turma que fez história.”

Em seu expressivo itinerário artístico pontuado pela beleza de mais de quinze volumes de poesia, participação em diversas antologias internacionais e pela atividade docente em



oficinas literárias que já se tornaram célebres, Eunice Arruda, um dos principais nomes da chamada Geração 60, sempre fertilizou de luz, sutileza e polissemia as asas de suas palavras, as águas intensas de sua dicção sensível e a expressão fértil de suas inquietudes.

“*O que é verdadeiro torna-se luz; o que é luz torna-se verdadeiro*”, segundo Lyall e Ling Chien-Kün (4). Mesclando silêncio e verbo, som e pausa, verdade e pensamento, Eunice transparece reinaugurando infinitas rotas de um universo expressivo sempre surpreendente. Em *DEBAIXO DO SOL*, afinadíssima, recria em nova aquarela as asas de seu projeto poético. Abre outras portas. Atenta e ousada. Vigilante e serena. Desafia os recursos fônicos. Penetra na fisicalidade da palavra e traz luz ao silêncio. Dando vida e força às pausas, ilumina o gesto poético. Valoriza as nascentes, o desenho, a viagem, compondo plena pluripoesia para fertilizar todas as nossas estações.

(1) *DEBAIXO DO SOL*, Ateliê Editorial, Cotia, SP, 2010, 72 p. (011)4612-9666; (2) ÁVILA, Carlos. *POESIA PENSADA*, 7 Letras, Rio de Janeiro, 2004 (p.33); (3) AMARAL, Beatriz Helena Ramos. *Risco de Estrelas e Cristais*, resenha sobre o livro *Risco*, de Eunice Arruda, Revista do Clube de Poesia de São Paulo – Ano XXIII – São Paulo, dezembro / 1999 – n.11; (4) LYALL and KING CHIEN KÜN, *The Chung Yung or The Centre, the Common*, in RICHARDS, I. A., *A PRÁTICA DA CRÍTICA LITERÁRIA*, São Paulo, Martins Fontes, 1997, p.260.

Beatriz Amaral é poeta e Mestre em Literatura e Crítica Literária. Autora de *Luas de Júpiter*. Lançou o CD *Ressonâncias* com o músico Alberto Marsicano.

Editorial



No mês de março são comemorados o Dia Nacional da Poesia (14) e o Dia Internacional da Mulher (8). *Linguagem Viva* homenageia a Poesia e a Mulher com a publicação de uma Separata nas páginas 4 e 5, que reúne 26 poemas de autoras.

Foram publicados textos de poetisas de São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Santo André (SP), Piracicaba (SP), Fortaleza (CE), Juiz de Fora (MG), Tietê (SP), Rio de Janeiro (RJ), Bragança Paulista (SP), Brasília (DF), Mariana (MG), Passos (MG), Goiânia (GO) e de Cotia (SP).

Muitas foram as lutas e as conquistas das mulheres pela igualdade de direitos, por melhores condições de trabalho e de vida, para poder votar e ser votada, entre outras vitórias.

Em muitos países a mulher ainda é submissa e seus direitos são restritos. Até mesmo no Brasil, em regiões onde a Cultura tem pouco acesso, elas sofrem com a desigualdade, com os maus tratos, com a violência e vivem como ratos à beira da morte.

O que podemos fazer por elas? O que podemos fazer pelas pequenas mulheres, que são vendidas pelos pais em troca de alguns níqueis ou por pratos de comida?

A resposta é simples: Mais Cultura, mais saúde, mais educação, mais segurança, menos violência e melhores condições de vida para as mulheres e homens do nosso País.

A Vez das Bicicletas

Rodolfo Konder

Homens e mulheres chegam com suas bicicletas ao centro de Montreal. Faz muito frio, mas os ciclistas não se deixam intimidar pelos 20 graus negativos. Reúnem-se no importante cruzamento das ruas University e St. Catherine. Então, interrompem o trânsito e se deitam em plena rua. Alguns usam máscaras contra gás. Outros carregam cartazes. Uma bela mulher, jovem e enérgica, grita para as pessoas que passam: "Queremos ruas tranquilas! Queremos uma cidade feita para os seres humanos!". São duas horas da tarde na grande metrópole do Canadá de língua francesa.

Bob Silverman, fundador da organização Cidadãos de Bicicleta, esclarece que o protesto, que dura apenas cinco minutos, pretende chamar a atenção dos canadenses para o problema dos automóveis. "Os carros", diz ele, "são os grandes criminosos das ruas".

A cada dia, os automóveis matam quatro pessoas e são responsáveis por mais de 90% de todos os acidentes fatais envolvendo veículos de transporte, no Canadá. Além disso, 20% da população de Montreal sofrem de doenças pulmonares, que resultam da poluição do ar, enquanto as áreas de estacionamento e as vias expressas roubam espaço vital dos canadenses.

Ao formular suas críticas, Bob Silverman lembra que seu interesse por esse problema nasceu meses antes: "Lendo alguns livros, como 'Dead End', de Buel, soube como a Exxon, a GM e a Firestone haviam comprado companhias de transporte coletivo simplesmente para fechá-las. Tomei conhecimento ainda de que os carros mataram mais gente no século XX do que as guerras. Eles são a principal 'causa mortis' entre as pessoas de 16 a 30 anos."

Silverman também se refere à crise do petróleo: "oitenta por cento da produção de petróleo destina-se aos automóveis particulares. Quem ganha com isso? Cabe registrar que as seis maiores companhias do mundo são fabricantes de automóveis ou empresas petrolíferas."

Ele lembra que o governo do Canadá sugeriu recentemente à população que economize energia - e faça exercício. "É exatamente o que nós, ciclistas, estamos fazendo", comenta.

A polícia canadense desvia o fluxo do tráfego e pede educadamente aos manifestantes que se dispersem. Alguns espectadores aplaudem os ciclistas. Diversos motoristas sorriem com simpatia. O gesto, quase simbólico, foi um sucesso. Silverman diz que o movimento anticarro está crescendo, tanto no Canadá como nos Estados Unidos: "Hoje, ainda é pequeno. Mas amanhã poderá ser força decisiva na implantação de novos hábitos em nossa sociedade."

À noite, durante um jantar à luz de velas no restaurante Troika, na rua Crescent, eu comentava o protesto dos ciclistas. A cidade, totalmente iluminada, preparava-se para o Natal de 1976. Hoje, 35 anos depois, os carros ainda são os principais criminosos das ruas canadenses e as grandes cidades não parecem feitas para os seres humanos, seja em Montreal, seja no Rio de Janeiro, seja em São Paulo. A urbanização desordenada e o surgimento das megalópoles, com seus desafios assustadores, são mais uma ameaça à saúde das pessoas civilizadas, agora nos domínios do automóvel.

Rodolfo Konder é jornalista, diretor da ABI - Associação Brasileira de Imprensa - em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal A Tribuna Piracicabana, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de A Tribuna Piracicabana R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LIVRARIA BRANDÃO



Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos) Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l oldbook@terra.com.br - www.lbususedbookshop.com.br

Aconselho-te crueldade de Fernando Fiorese

Magaly Trindade Gonçalves
Zélia Thomaz de Aquino
Zina C. Bellodi

Fernando Fábio Fiorese Furta-
do nasceu em Pirapetinga (Zona da
Mata de Minas Gerais), em 21 de
março de 1963. Reside em Juiz de
Fora (MG) desde 1972. Formado em
Comunicação Social/Jornalismo pela
Universidade Federal de Juiz de Fora.
Fez Mestrado e Doutorado nas áreas
de Comunicação e Ciência da Litera-
tura/Semiologia na Universidade Fe-
deral do Rio de Janeiro. Atualmente é
Professor da Faculdade de Letras da
UFJF, atuando tanto na Graduação
quanto na Pós-graduação. Recebeu
diversos prêmios. Poeta e contista,
publicou: *Leia, não é cartomante*
(1982); *Exercícios de vertigem & ou-
tros poemas* (1985); *Ossário do mito*
(1990). Em parceria, Edimilson de
Almeida Pereira, Fernando Fiorese e
Iacyr Anderson Freitas publicaram
Dançar o nome (2000) (antologia bi-
língüe – português – castelhano)
acompanhada de um CD com leitura
de poemas pelos autores. *Corpo por-
tátil* (2002), reunião de sua produção
poética de 1986 a 2000; *Dicionário mí-
nimo: poemas em prosa* (2003).

Valentim Facioli, nas Orelhas já
abre um problema que perpassa todo
o livro *Aconselho-te crueldade* de
Fernando Fiorese.

Trata-se de um livro de contos e
é esta natureza que traz à baila o tema
básico que permeia todos os contos,
mais ou menos claramente. Valentim
Facioli mostra como Mário de
Andrade, em 1938, trata como prati-
camente impossível a definição des-
te gênero, dentro dos estudos de es-
tética literária. Acrescenta depois a
grande frase de Mário de Andrade:
“em verdade, sempre será conto aqui-
lo que seu autor batizou com o nome
de conto”.



Fernando Fiorese

O livro de Fernando Fiorese, nos-
so objeto de exame aqui, é uma cole-
ção espantosa de exemplos que par-
tem da observação acima. Todos eles
são contos e todos eles utilizam téc-
nicas que caracterizam outros gêne-
ros. O exemplo mais claro é “*Rosebud*
ou Montagem paralela ou *Freak story*
ou Cinema escrito ou *Amarcord* ou O
cinema e a melhor solidão ou Do es-
tranho familiar”, que não é a estrutura
de uma peça, mas toma o cuidado de
simular nossa ignorância do pensa-
mento das personagens.

Traços próprios do conto apare-
cem especificamente emaranhados
com as mais diversas técnicas de ou-
tros gêneros. “*Rosebud...*”, por ex-
emplo, traz, ao lado da fala (teatral?), em
tipo diferente o pensamento de cada
personagem. É bom lembrar, contu-
do, que, no teatro, personagens falam
como que “baixinho”, trechos que as
outras personagens não devem ouvir,
só o público.

O conto tradicional pode exprimir
o pensamento da personagem de ma-
neira mais direta, o que significa que
“*Rosebud...*” apenas se utiliza de algo
não igual, mas próximo do teatro. Isto
acontece com toda Literatura, a mis-
tura de técnicas e temas não tem fim.

Esse é o brilho dos bons contos.
“*Rosebud...*” ao fim das contas é uma
utilização clara, talvez simplória, do
esquema dramático.

Há no livro um texto que obede-
ce às normas do conto, mas que é
marcado por um tom estranho que não
é tão comum nesse gênero, até pelo
seu caráter absurdista. Trata-se de
“Um terno para K” que também faz
lembrar esta tendência. Talvez seja
um exagero de interpretação conside-
rarmos o K do título como signifi-
cativo do absurdo ou desconhecido. Isto,
entretanto, pode não ter nenhum sen-
tido especial, fique bem claro.

É uma história, por mais diferen-
te que seja das usuais, e nela temos
um alfaiate, seu ajudante (que sem-
pre fica escondido no sótão) e um cli-
ente do qual nada podemos dizer por-
que se expressa sempre com “sem
dúvida”. Aparentemente um homem
tranquilo que facilmente concorda
com seu interlocutor. O problema
abordado é que o alfaiate mede e cor-
ta os tecidos com um cuidado que
parece neurótico. Na prova o alfaiate
tem um quase enfarto porque o terno
não combina absolutamente com o
corpo do cliente (as mangas, por
exemplo, rolam pelo chão) e isto pas-
sa a atormentar o alfaiate e seu su-
cesso é mais ridiculamente diminuí-
do em outra prova, após a qual oaju-

dante conduz o cliente para fora deli-
cadamente, enquanto o alfaiate ago-
ra é como se tivesse desaparecido.
“(…) O alfaiate era agora como um ator
solitário que, sob a luz do proscênio,
esquece o texto do monólogo – o pon-
to adormeceu na primeira cena do se-
gundo ato, a plateia já demonstra certa
inquietação e sequer lhe ocorre impro-
visar, apenas espera por um *blackout*
ou que desça a cortina. *Acta est
fabula!*”

Cada um dos contos apresenta
um traço mais inusitado no gênero,
exibindo sempre procedimentos tea-
trais. Isto é, entre tantas outras, uma
forma de expor mais ou menos ca-
balmente, com maior ou menor natu-
ralidade, o fato de que a Literatura é
um todo com as mais diversas varia-
ções e com os mais diversos entrela-
çamentos entre técnicas de um gêne-
ro e de outro. Este livro vale na medi-
da em que faz exatamente isso de
forma reiterada.

Assim como a Literatura muda,
os gêneros se entrelaçam nos proce-
dimentos técnicos, na escolha de en-
redos, mas sempre mantendo a auto-
nomia formal.

**Magaly Trindade Gonçalves, Zélia
Thomaz de Aquino e Zina C.
Bellodi são escritoras,
professoras e críticas literárias.**

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

- Escolha: o, a e complete:
a) ___ sentinela tomou ___ cham-
panhe.
b) Ele quebrou ___ omoplata.
c) Tomei ___ guaraná e comi ___
alface.
d) Passei ___ cal na parede.

Respostas:

- a – o
- a
- o – a
- a

- Você vai pôr sua rubrica ou
rubrica no cheque?

Resposta: Rubrica.

- Vou ascender ou acender até
o alto do edifício?

Resposta: As-
cender - subir
Ascensão – subida
Acender - pôr fogo.

4) Preencha as lacunas e es-
colha a alternativa correta.
Elas queriam _____ sorvete,
_____ não deram, pois acham
que elas são _____.

- mas, mas, más
- mais, mais, mas
- mais, mas, más
- mais, mas, mas
- mais, mais, más

Resposta: a alternativa c.
Mais = opõe-se a menos
Mas = porém, contudo
Más = opõe-se a boas

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públi-
cos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em
Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br



A Pedidos

Flora Figueiredo

Querem um verso,
mas não sou capaz.
Vejo a palavra fraturar
as entrelinhas,
tento soldá-las,
mas não são minhas.
Rompeu-se o verbo
e me deixou pra trás.

(De *Amor a Céu Aberto*, Editora Nova Fronteira, 1992 - Rio de Janeiro)

Flora Figueiredo é escritora,
poeta e tradutora.

Ironia

Alice Spíndola

Sepulcro escombros,
queimo com lenha seca
agonias e desdêns.
Acordo em prisma
de sonhos & segredos.

Alice Spíndola é graduada em
Letras pela Universidade
Católica de Goiás, poeta, contista,
tradutora e artista plástica.

Auto-retrato

Sonia Sales

Manequim de madeira
carcomido
empoeirado
esquecido no canto
como velhas lembranças.
Manequim articulado
num eterno abraço
coração vazado, sorriso
sem alma.

O sótão é seu abrigo
o silêncio, seu amigo
um girassol, seu amor.

Manequim abandonado
que da sorte se
perdeu.

Sou eu.

Sonia Sales é escritora, poeta e
historiadora.

Balada

Marigê Quirino Marchini

de *Balada dos Quatro Ventos*

Os anjos comungam
a música da tarde finda
e guardam sons desfeitos
como círios de navas
acesos nos peitos transparentes

Marigê Quirino Marchini é poeta,
escritora, crítica literária
e tradutora.

O Calendário

Lóla Prata

dispensa as folhas...
o tempo agride...
a ampulheta se esgota...
e o velho entra
em espiral ascendente
e descendente...

Lóla Prata é escritora, poeta,
professora e cronista.

CÁ

Maria de Lourdes Alba

Mórbida tarde
Te despejei meus sentidos
Mórbida vida
A tempestade se fez
Não se desfez
A vida se foi
Amargas ficaram
Cá
Só

Maria de Lourdes Alba é poeta e
pós-graduada em Jornalismo.

Solidão

Rosani Abou Adal

Deitar na cama
com um homem invisível
sem sonhos
sem sono

Rosani Abou Adal é escritora,
poeta e jornalista

Momento

Djanira Pio

Eis-me aqui
sentada na estrada.
sem pensar,
sem chorar,
enfim calada.
É o repouso
de todos os sentimentos.
É o sono
de minhas ilusões.
Eis-me aqui
sentada na estrada.
Estarei cansada?

Djanira Pio é escritora,
poeta e contista.

Loucos

Marisa Bueloni

Um bando de loucos
passou por aqui
(Me contaram
eu não vi)
Dizem que cantavam
canções de amor
E aos que passavam
davam uma flor

Marisa Bueloni é escritora, poeta,
tradutora, cronista e membro da
Academia Piracicabana de Letras.

Sonho V

Andreia Donadon Leal

Imagens são sonhos afetos
colam nas telas
nas fotografias
e lembram alguma coisa
de *esculturação* natural.
Imagens são sonhos afetos
a beijar uma superfície.

Andreia Donadon Leal é contista,
ensaísta, cronista e artista plástica.

Folhas secas vão rolando
O ocaso é um palco tristonho
Que aos poucos vai se fechando
Sobre as cinzas do meu sonho!

Maria Campos da Silva Velho
(Cidoca) é escritora, poeta e
membro da Academia de Letras de
Campos do Jordão.

Dia Internacional da Mulher

MARIAS...

Débora Novaes de Castro

Maria, Mariinha,
Mariana, Marianinha,
tantas Marias...

Maria, de Sant'Ana,
da prima Isabel,
a do Anjo Gabriel,
de Belém, de José,
de Jesus na estrebaria...
Maria dos Santos Anjos,
dos Remédios, Madalena,
do Perpétuo Socorro,
de Fátima, da Conceição,
Maria Do Calvário,
do Santo Sepulcro,
santas Marias...

Marias dos campos,
das cidades... mães,
amigas, as de cátedras,
de menos luzes...
Marias do bem,
das conquistas,
da caridade,
abnegadas,
virtuosas...

Marias, riso amarelo,
os filhos, famintos,
senão que roubados,
da madre extirpada,
dos saltos capengas,
das bocas vermelhas,
do sonho aviltado
nas ruas escuras
de escusas
vielás...

marias-joaninhas
das asas pintadas,
as pintas pretinhas...
marias-pretinhas,
colhidas no campo,
pequenas, docinhas...
e rosas-marias,
suspiros tragados
na valsa dos ventos
das tardes-
marias...

Maria, marias!
todas Marias!
O brado forte
nos ares ribombeia,
a montanha estremece,
o solo reverdeja...
há luz nas sementeiras,
luzes de Marias!

(In *Mares afora...*, 2010, pp.44-45)

Débora Novaes de Castro é escritora,
poeta, artista plástica e Mestre em
Comunicação e Semiótica -
Intersemiose na Literatura e nas
Artes. Tese: O HAICAI NO BRASIL:
Comunicação & Cultura, Puc-SP,2004.



Vida III

Raquel Naveira

A vida é fome
Que rói as entranhas
Facho que ilumina os olhos
E percorre o corpo em incêndio;
Flor que desabrocha na boca
E queima os lábios de paixão.

Raquel Naveira é Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP).

Navegando

Dalila Teles Veras

Velas à solta
minha nau enlouquecida
crava
em tua pele bravia
(gosto de alga e sal)

:

definitiva cancela

Dalila Teles Veras dirige a Alpharrabio Livraria EspaçoCultural.

Angústia

Amaryllis Schloenbach

O suor escorre
junto com as lágrimas
e o tempo.

Amaryllis Schloenbach é escritora, poeta, cronista, tradutora e jornalista.

IRREFLEXOS

Lina Tâmega Peixoto

A frescura lilás das violetas
frente às águas da tarde.
É crepúsculo nas trepadeiras da varanda.
A noite que chega mansa
transfigura os cílios das gotas
em vespas sobre as flores.
O coração alegre-se com as dores do amor
cravadas em sua forma
recortada em duas dalias rubras.
Levanta-se o forro do mundo
e a terra do céu
cai sobre a vida
– bálsamo do que se quebrou nas alturas.

Lina Tâmega Peixoto é escritora, poeta e editora da revista Meia-Pataca.

Simple Cerejas

Marta Gonçalves

Eram apenas cerejas na cesta
ao sorvê-las senti
algo dentro de mim.
Um sino libertando os olhos
do velho telhado.

Marta Gonçalves é escritora, poeta, cronista e pertence ao Grupo Literário da Associação de Cultura Luso-brasileira.

OFERENDA

Vania Clares

(In *Parapeito Vital*)

Sei que falho.
Não trago flores,
nem bombons,
nem tampouco
claros sorrisos.
Sempre a essência
mostrando um lado de só
e de quieto.
Posso agora estar aqui, amigo,
e simplesmente deixar versos:
é o que tenho nas mãos
e suporta a harmoniosa ironia
dos instantes e a vontade
regenerante de viver.
O que germina e te oferto
são elos interligados,
ativos, impetuosos
entre mim e a emoção.
Palavras.

Vania Clares é poeta e contista.

Gavetas

Rita de Cássia

Papéis jogados,
rabiscados, escritos.

Minha vida...
Memória viva.

Gavetas, guardados
nunca revelados.

Rita de Cássia, escritora, poeta, prosadora, pertence à Sociedade Amigas do Livro-SAL de Fortaleza.

Mãe

Hilda Mendonça

Ouve o vento que sussurra
vem da serra, vem do mar
senta-te junto ao meu leito
vou recostar em teu peito
entoa cantos de ninar.

Mãe, a noite é fria
uiva o medo em meu ser
foram-se as luzes do dia
fecha-me os olhos o sono
quero em sonhos te ver.

Mãe, que saudade,
grita minh'alma a soluçar
perdi-me nos descaminhos
ensina-me de novo rezar.

Hilda Mendonça é escritora, poeta, educadora, pesquisadora e contista.

Cavalos selvagens
galopando contra o vento
suam liberdade.

Angela Togeiro Ferreira é poeta, prosadora e pós-graduada em Política e Finanças das Empresas e em Administração de Recursos Humanos.

SEGREDO

Betty Vidigal

Retenho este segredo entre meus dedos,
esfarelando-o aos poucos feito giz
num movimento disfarçado e lento
de quem quer revelá-lo mas não diz
uma palavra sequer.
E morde os lábios,
para cortar o mal pela raiz.

Betty Vidigal é poeta, contista e jornalista.

Felicidade

Teruko Oda

Lua solitária
rolando ao léu
pela noite fria.

Não chores, lua amiga:
és mais feliz
do que eu.

Não provarás jamais
do amargo sabor
da humana saudade!

Teruko Oda é escritora, poeta e uma das fundadoras do Grêmio de Haicai Caminho das Águas.

Haicai

Maria Thereza Cavalheiro

Um zunir de abelhas.
Forte aroma na redoma
de frutas vermelhas.

Maria Thereza Cavalheiro é poeta, escritora e jornalista.

Degustando a Vida

Ivana Maria França de Negri

A maioria come cru.
E faz da vida um fast food insosso
quando é preciso
saborear
cada bocado

Ivana Maria França de Negri é poeta, escritora, professora e membro da Academia Piracicabana de Letras.

Hinos

Regina Gaiotto

Um velho sino de bronze
anuncia o Ângelus
um santo conta as conchas
que batem nas águas.
É o hino à Sagração.

Regina Gaiotto é escritora, poeta e colobara nos jornais *Destaque News e Folha da Cidade*, de Tietê/SP.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Paulo Bomfim

Em que quadrinhos se enquadram hoje os heróis da meninice e suas histórias?

Longe, muito longe, Reco-Reco, Bolão e Azeitona, juntamente com Chiquinho, Faustina e Zé Macaco acenam das páginas amareladas do "Tico-Tico".

Não sei porque sempre aliei esses personagens a Mingau, Minguinho, Mingote, Dona Caropita e ao papinho de Dona Genoveva que "Nho Totico" diariamente fazia chegar à nossa casa através das ondas que embalavam o devanear do velho rádio ancorado em lembranças.

Na década de 30, importávamos da África as proezas do Fantasma Voador e de Tarzan. O anel de caveira brilhava em nossas mãos infantis e o grito do rei das selvas ecoava nas árvores do pomar.

No alto das mangueiras, preparávamos a casa suspensa para receber Jane que não chegava nunca!

O cimento dos quintais guardava nossas espadas de Príncipes Valentes, e no fundo dos porões escondíamos o revólver e o chapéu de Dick Tracy.

Em todos nós havia um pouco de Flash Gordon libertando no planeta Mongo nossas princesas Nardas prisioneiras.

No fundo da infância corria o ribeirão encantado onde Narzinho se debruçava nas tardes que tinham perfume de manacá e de biscoito quente.

Ainda hoje, o Sítio do Pica-Pau Amarelo aguarda por todas as infâncias, com Dona Benta tricotando na varanda, Tia Anastácia fazendo quitutes e Pedrinho convidando para mais uma travessura.

A marcela dos travesseiros de nossa insônia sonha em virar Emília, e os paióis noturnos abrigam espigas que desejam ser Viscondes.

No coração da Ilha Misteriosa, o Nautilus nos aguarda para o grande mergulho no mar desconhecido. Afinal, Capitães Nemo somos todos nós de uma geração que vai partindo tripulada de sonhos que envelhecem juntamente com seus sonhadores; embalada pela música de realejos fantasmas em tardes que procuram devolver a Peter Pan os roteiros que levam à Terra do Nunca.

Paulo Bomfim é poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

A FLOR SILVESTRE

Caio Porfírio Carneiro

Arrancou a flor silvestre à beira da estrada e deu-a gentilmente a ela que passava. Apenas sorriram e não se falaram.

E agora estava ele sentado no velho banco. O olhar na estrada silenciosa a sua frente.

Ela chegou, sentou-se ao seu lado, calada. Viu-a abrir a caixa nos joelhos, os dedos nodosos procurando abri-la.

- Quer que a auxilie?
- Não é preciso.

Conseguiu abri-la. Ele viu folhas e talos secos quebradiços guardados nela.

Ela murmurou:

- São de uma flor colhida na beira desta estrada.

- Antigas, não?
- Muito.
- Quem lhe deu?
- Não sei. Alguém que passou por mim. Vim apenas mostrá-las de onde vieram.

Fechou a caixa com cuidado e, sem despedir-se, partiu.

Ele, indiferente, apanhou uma folha seca que caíra, ficou a quebrá-la, e lhe veio uma vaga lembrança do passado distante.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

CRIAÇÃO E MIMESE

Fábio Lucas

A coleção de poemas de Iacyr Anderson Freitas *Viavária* (S. Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalta, 2010), desperta no leitor, além do convívio com a elaborada e sutil expressão lírica do poeta, ora no ápice de sua manifestação, largo espaço de reflexão sobre a arte contemporânea brasileira. O título, por si, aponta os rumos da variedade de sentidos, circunstância apontada no Prefácio de Alexei Bueno.

Os dois poemas iniciais, reunidos sob a designação de "Vias de Acesso", ("Viavária" e "Viavasta") realizam soberbamente a carta de princípios do poeta. Podem ser lidos com a duplicidade da era contemporânea: um gesto para a novidade e outro gesto para a herança. Forma e conteúdo, significantes e significados co-participam da mesma trama ambígua. No curso do livro todo se observa o choque entre criação e imitação, eterno dilema dos autores bem informados, em busca da expressão exclusiva e original.

Nota-se, por exemplo, o desconforto de o poeta despedir-se das leituras formadoras. Heidegger e João Cabral recebem a reverência das ce-

lebridades, mas, no entanto, inseridos num contexto funéreo: a triste condição humana do brasileiro de Minas Gerais, em fuga inútil para as fontes européias.

Falo das figuras citadas expressamente. Mas há o mito das cidades já introjetados no espírito na categoria de arquétipos. Heranças do insuperável Baudelaire, ao questionar a massa condicionada pelas máquinas reprodutivas, para a qual a beleza não vai além da verdade. Na sociedade burguesa, a opinião pública e a moda são pouco exigentes. Contentam-se com o belo que possa ser provado, fotografado, tátil, interativo. Era da sub-

mersão do autor.

Encontro no *Viavária* um repertório incomensurável de adeuses, um lamento de ausências, ao lado de lances sutis de nostalgia. Aliás, o livro se fecha assim:

"isso sim é estar
sem eira nem beira,
tendo apenas
a perda
por companheira."

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.



20 anos da Editora OLHO d'Água

A Editora Olho d'Água, fundada pelo jornalista e professor da PUC-SP Jorge Claudio Noel Ribeiro Jr., completou 20 anos de atividades em fevereiro. Desde a sua fundação, editou 120 títulos. O primeiro *best-seller* lançado pela editora foi "Doces Venenos - conversas e desconversas sobre drogas", da psicóloga Lidia Rosenberg Aratangy, em agosto de 1991.

O Olho d'Água produz sobretudo livros universitários. Publica nas áreas de Educação, Psicologia, Literatura, Comunicação, Teologia. Dentre seus autores: Paulo Freire, Georg Simmel, Laerte, Marta Suplicy, Frei Betto, Lidia R. Aratangy, Rubem Alves, Lourenço Diaféria, Raul Drewnick, Renato Ortiz, d. Pedro Casaldáliga, Edênio Valle, Tatiana Belinky, Renate M. Sanches, Maria Luisa Andreozzi Costa.

Seus livros tratam de ciências humanas, prevenção ao abuso de drogas; orientação sexual e Aids; asma; crônicas; mídia; cultura e



Jorge Claudio Noel Ribeiro Jr.

mundialização; fenômeno religioso; histórias em quadrinhos e literatura infantil.

Em novembro de 1998, na sede própria, inaugurou uma Livraria, no bairro de Perdizes, Rua Dr. Homem de Melo, 1036. Na **Usina Cultural** realiza atividades voltadas à promoção da leitura, lançamentos de livros, cursos e saraus.

Informações através dos telefones (11) 3673-9633 e 3673-1287. www.olhodagua.com.br

Notícias de Piracicaba

Leda Coletti lançará *Eu, Educadora*, poesias e trovas, no dia 8 de abril, sexta-feira, às 19 horas, na Biblioteca Pública Municipal Ricardo Ferraz de Arruda, Rua Vergueiro, 145.

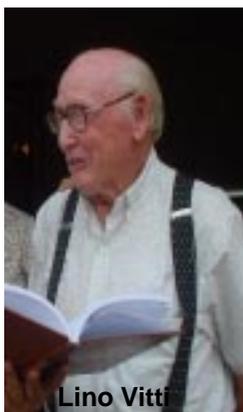
O Sarau Literário Piracicabano, organizado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, em homenagem a Gilberto Freyre e Marly Germano Perecin, será realizado no dia 12 de Abril, terça-feira, às 19h30, no Teatro Municipal Dr. Losso Neto. Contará com a participação do conjunto musical *Chorando em 7*, que é coordenado pelo professor Marcos Vinicius de Moraes.

O Projeto Rio das Artes 2011, realizado pelo SESC com o apoio dos artistas plásticos locais, nos dias 16 e 17 de abril, das 10 às 17 horas, pretende abrir ateliês, criar espaço coletivo de exposição de artes plásticas e visuais e mapear todo setor, incluindo locais que apóiam e dão visibilidade à criação dos artistas, como galerias e fundições. Inscrições: marilia@piracicaba.sescsp.org.br.

O livro sobre a vida e obra de Maria Cecília Bonachella, projeto concretizado pela poetisa Maria Cecília Graner Fessel, será editado. É uma justa homenagem àquela que dedicou grande parte de sua vida à poesia.

A historiadora Marly Germano Perecin e a bióloga **Valdiza Caprânico** lançaram *Piracicaba Conhece e Preserva*, uma série de livros educativos que contam a história de Piracicaba.

Os Integrantes da Academia Piracicabana de Letras André Bueno Oliveira e Geraldo Victorino de França lançaram *Herança de Poeta e Aprendendo com o Voinho* - volume 3, respectivamente.



Lino Vitti

Lino Vitti, Príncipe dos Poetas Piracicabanos, cujo título foi outorgado pela Academia Piracicabana de Letras, completou no dia 8 de fevereiro 91 anos.

A Reunião do Grupo Oficina Literária de Piracicaba será realizada no dia 11 de abril, terça-feira, às 19h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto.

A Exposição Batom, Lápis e TPM, em comemoração ao Dia Internacional

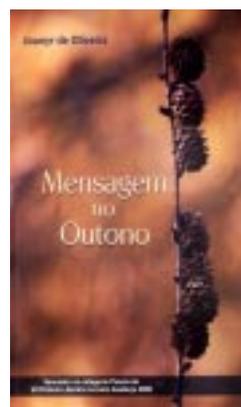
da Mulher, que reúne 58 obras de 25 artistas do humor gráfico, ficará em cartaz até o dia 10 de abril, de terça a domingo, das 14 às 20 horas, no Teatro Municipal Doutor Losso Neto. A exposição conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Piracicaba e da Secretaria Municipal de Ação Cultural.

Lançamentos & Livros

Terça ConVerso no Café - 4016 dias de poesia, Branco, antologia coordenada por Angela Maria Carrocino, Delayne Brasil, Laura Esteves e Silvio Ribeiro de Castro, 92 páginas, Edições Galo Branco, Rio de Janeiro. A obra foi editada em homenagem aos 80 anos de Ferreira Gullar e reúne poetas que fazem parte do grupo de poetas *Amigos do Café* ou *Poetas do Café* e se apresentaram no *Sarau Terça Converso*, no Café do Teatro Glaucio Gill, em Copacabana. Aricy Curvello participa com o poema *Às Vezes*.

Edições Galo Branco:

www.edicoesgalobranco.com.br



Mensagem no Outono, poemas de Joanyr de Oliveira, 80 páginas Scortecci Editora, São Paulo. A obra póstuma foi laureada, na categoria Poesia, no VII Prêmio Literário Livraria Asabeça 2008. Segundo Adriano Nogueira (1928 - 2004), editor do Linguagem Viva, "Um dos nossos melhores poetas - também respeitado como pesquisador -, Joanyr de Oliveira será sempre lembrado na História da Poesia, especialmente da Brasileira."

ISBN: 978-85-366-1437-3

Scortecci Editora: www.scortecci.com.br

Livraria Asabeça: www.asabeça.com.br

Dos tempos

Menalton Braff

"Todas as coisas têm seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu segundo o termo que a cada uma foi prescrito. Há tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou." Eis o que se encontra no terceiro capítulo do *Eclesiastes*.

Conheci a Ely Vieitez Lisboa com as mangas arregaçadas em pleno plantio. Depois fui aos poucos descobrindo que plantar era sua vocação, talvez sua compulsão. Agora o tempo é de colher, como prescreve o *Eclesiastes*, mas, ao colher, lá está a Ely novamente plantando.

Seu mais recente livro, *Tempo de Colher*, é uma coletânea de textos que ao longo dos anos a autora veio semeando entre nós, com a sobriedade que esperamos da mestra, mas com a leveza que se conhece da artista.

Não é à toa que os romanos tinham o verbo *lçgere* para dois tipos de ação, que fomos esquecendo, cada vez mais pragmáticos e apressados. Ler e colher, ou recolher, ambos eram designados pela mesma palavra: *lçgere*.

O título, portanto, contém este tipo de ambigüidade: pode ser lido como uma metáfora ou como o sentido próprio das palavras. Para a autora e o leitor, o tempo é de leitura.

Os temas de suas crônicas vão da simplicidade cotidiana de um pombo no beiral de um prédio, visto com os olhos da poeta "É aí que o vejo, no beiral do prédio da Caixa Econômica, colorido, pomposo. Não. O primeiro olhar sempre trai. Ele é muito bonito, mas está triste. Reparando bem, até infeliz. Deixa a cabecinha tombar sobre o peito. Tristeza e desolação." ao sublime de "Com os anos, mudam-se os valores, os conceitos. O que é hoje, por exemplo, ser santo? Quais as qualidades que se apontam para se comprovar a santidade do ser humano? O homem é uma criatura inacabada na sua tentativa de

(às vezes) ser bom, digno, íntegro, santo." Das ruas lhe vem a vida que registra, ora com a sensibilidade do pombo no beiral, ora com a sabedoria da mestra, como no seguinte fragmento, falando da águia: "Verdade ou não, é uma lição sábia. Primeiro, a coincidência da longevidade, meio semelhante à humana. Nós, também, aos quarenta, perdemos a capacidade da caça, força para a luta e nossas penas começam a pesar quando alçamos os voos dos sonhos alimentados na juventude."

Da vida em seu estado bruto, como empiria, dos conceitos abstratos, as grandes questões do ser humano, e principalmente da arte, sobretudo o cinema e a literatura, disso tudo é que a autora faz um registro magistral, como pensamento e como expressão.

É dela que Edward Lopes afirma no prefácio: "É bom, então, que aceitemos o convite de Eli Vieitez Lisboa nos faz para viajar com ela, através dessas páginas. Observadora atenta da nossa história cotidiana - é no ramerrão do dia-a-dia que se traça o risco da verdadeira história do homem, e Ely as tem para todo gosto e apetite."

Discorrendo sobre o conto como gênero literário, a autora termina o texto com este parágrafo primoroso: "A Literatura, os costumes e o próprio homem são algo vivo, dinâmico e de extrema complexidade. Estabelecer regras fixas e imutáveis para entender o ser humano e seu mundo é mera falácia, total perda de tempo."

Agora sim, agora é tempo de encerrar.

Menalton Braff é escritor, romancista, contista e Pós-graduado em Literatrua Brasileira.



LINGUAGEM VIVA
www.linguagemviva.com.br

**Edição impressa
on line**

(11) 2693-0392 - 7358-6255
Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Notícias



Zanoto

Zanoto - José de Souza Pinto -, escritor e Presidente de honra vitalício da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, faleceu no dia 21 de janeiro. Editou, durante cerca de 42 anos, a coluna "Diversos Caminhos", no *Jornal Correio do Sul* (Varginha - MG), Zanoto colaborou em vários jornais literários do país divulgando a Literatura brasileira e os novos autores. Em sua coluna *Diversos Caminhos* divulgava o conteúdo e fazia comentários sobre as edições do *Linguagem Viva*.

Carlos Pessoa Rosa, com a novela *Sabenças*, foi classificado em primeiro lugar no Concurso Literatura para Todos, promovido pelo Ministério da Educação. Pessoa Rosa receberá R\$ 10 mil e o seu livro integrará o Programa Nacional Biblioteca da Escola, que leva acervos literários a escolas públicas de educação básica de todo o país.

A Universidade Federal de Alagoas - Edufal, que completa 50 anos em 2011, será a anfitriã da XXIV Reunião Anual da Abeu.

A Edições Loyola lançou *Ler a Bíblia com Inácio de Loyola*, de Bernard Mendiboure, com tradução de Rua Paiva. É a primeira publicação da editora que recebe a certificação FSC®.

A Editora Melhoramentos foi agraciada pelo *Gourmand World Cookbooks Awards 2010* com o livro *Gastronomia solidária*, de Sandra Simões, na categoria *fundraising*, e com *Bistrô x Trattoria - Cozinhas da Alman*, de Yann Corderon, Hamilton Mellão e Nilu Lebert, melhor livro de gastronomia francesa do mundo.

Marco Lucchesi, professor, ensaísta e poeta, foi eleito para ocupar a cadeira nº 15 da Academia Brasileira de Letras, que pertenceu ao Padre Fernando Bastos de Ávila.

Diego Drumond e Lima, diretor geral da Escala, é o novo presidente da Associação Brasileira de Difusão do Livro.

Assis Ângelo lançou *A menina Inezita Barroso*, pela Editora Cortez, no dia 3 março, na Livraria Cortez, Rua Bartira, 317, em São Paulo. A obra foi ilustrada por **Ciro Fernandes**.

Moacyr Scliar, escritor gaúcho membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu no dia 27 de fevereiro, aos 73 anos, de falência múltipla dos órgãos. Scliar nasceu em 23 de março de 1937, em Porto Alegre. Autor de vasta obra nos gêneros conto, romance, crônica, ensaio e infantil. Foi agraciado com os prêmios Casa de las Américas, APCA e Jabuti.

Majd Al Shara é a nova diretora-presidente do Centro Cultural Árabe Sírio, Rua Augusta, 1053, em São Paulo. Majd, ex-consulesa e ex-embaixatriz no Brasil, foi indicada pelo Ministério da Cultura da Síria.

Benedito Nunes, crítico literário, professor, escritor, ensaísta e filósofo paraense, faleceu no dia 27 de fevereiro, aos 81 anos, em Belém (PA), vítima de uma hemorragia estomacal. Em 2010 foi agraciado o *Prêmio Machado de Assis* da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra.

O Portal Domínio Público, do Ministério da Educação, cadastrou, em janeiro, 3.471 obras, em formato de texto, imagens, sons e vídeos. Site: www.dominiopublico.gov.br.

Contos de Itaparica, de Rogério Andrade Barbosa, Edições SM, foi selecionado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil para representar o Brasil na Feira de Bolonha.

Francisco Ednilson Xavier Gomes, da Livraria Cortez, é o novo presidente da Associação Nacional de Livrarias para o biênio 2011/2013.

Turcos da Calógeras, poema de Raquel Naveira, do livro *Sob os Cedros do Senhor*, foi lido durante o Festival VivAmérica na Espanha, evento promovido pelo Instituto da Cultura Árabe. <http://www.icarabe.org/>

A Bookstore, primeira loja especializada em livros e revistas de arquitetura, urbanismo, arte e design, inaugura nova loja no dia 24 de março, quinta-feira, às 19h30, Rua Bento Freitas, 306, em São Paulo.

Débora Novaes de Castro proferirá palestra no 3º Conclave de Mulheres Pioneiras Paulistas, promovido pelo Espaço Mulher, no dia 24 de março, quinta-feira, das 14h30 às 16h30, no auditório do Instituto Sud Menucci, Rua Joaquim Távora, 756, em São Paulo.

João Américo Peret, jornalista, indigenista e ex-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado do Rio de Janeiro, faleceu no dia 17 de março, vítima de câncer, no Rio de Janeiro.

A Babel Poética, revista que foi selecionada pelo Edital do Programa Cultura e Pensamento 2009/2010 do Ministério da Cultura, será lançada em breve. Marco Aurélio Cremasco faz parte do conselho editorial e Ademir Demarchi é o editor.

Fábio Lucas foi convidado para fazer parte do Conselho Editorial da Editora Babel Brasil. A sessão de apresentação pública ocorreu no dia 14 de Março no Museu da Língua Portuguesa.

A WDL - Biblioteca Digital Mundial, da Unesco, reúne mapas, textos, fotos, gravações, filmes e as relíquias culturais das bibliotecas existentes em todos os países. A Fundação Biblioteca Nacional contribuiu com material do seu acervo sobre o Brasil e de outros países América Latina. www.wdl.org

Tomás Chiaverini lança o livro *Aveso*, pela Global Editora, no dia 26 de Março, às 16 horas, na Livraria da Vila, Rua Fradique Coutinho, 915, em São Paulo.

Educomunicação - construindo uma nova área de conhecimento, obra organizada por Adílson Odair Citelli e Maria Cristina Castilho Costa, foi lançada pela Edições Paulinas.

Arthur Monteiro De Carvalho Neto recebeu o Título de Cidadão Bauruense, por iniciativa do vereador Erlon Vinícius Torquato Junqueira.



Tatiana Belinky

Tatiana Belinky será homenageada na VI edição da Flipçoos, durante a Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas, de 30 de abril a 8 de maio, em Poços de Caldas (MG).

Andreia Donadon Leal, Gabriel José Bicalho e J.B. Donadon-Leal, em Assembleia Geral da Academia de Letras e Artes, de Portugal, foram eleitos para ocupar o Quadro de Acadêmicos Correspondentes Estrangeiros na Classe de Letras.

Karine Pansa é a nova presidente da Câmara Brasileira, eleita no dia 28 de fevereiro.

Eunice Arruda e Simone Magno participarão do Encontro de Leitura Livros na Mesa, promovido pela Estação das Letras, no dia 26 de março, sábado, das 14h30 às 16h30, Rua Marquês de Abrantes, 177, lojas 107 e 108, no Rio de Janeiro.

Valdemar Alves Júnior, de Fortaleza (CE), enviou à redação da *Linguagem Viva* exemplar da revista *Lepra O Povo*, especial dos 100 anos de nascimento de Rachel de Queiroz, e o cd documentário *Ano Raquel de Queiroz*, editado pela Fundação Demócrito Rocha e *O Povo*, com patrocínio do Governo do Estado do Ceará e Banco do Nordeste.

Maria José Ávila - Zezé - lançou *Vivendo...*, livro de poemas, no dia 19 de março, em Campos do Jordão.

José Moreira da Silva, presidente da Academia Literária Gaúcha, lançou *Trilhas Literárias*, pelas Edições Caravelas, de Porto Alegre.

Débora Novaes de Castro

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.